



PERCEPÇÕES DA ESCOLA DAS JUVENTUDES ESCOLARIZADAS DE IGREJINHA (RS)

PERCEPTIONS OF THE SCHOOL BY THE EDUCATED YOUTHS FROM
IGREJINHA (RS)

Rafael Henke¹
Victor Hugo Nedel Oliveira²

RESUMO: As juventudes, enquanto categoria plural e diversa, ocupam lugar central no debate sobre educação, especialmente diante de mudanças sociais, culturais e econômicas que desafiam a escola contemporânea. Este estudo investigou as relações de jovens de Igrejinha (RS) a escola em que estudam, explorando suas percepções sobre o espaço escolar e as dinâmicas sociais nele presentes. Utilizando abordagem descritiva e delineamento de estudo de caso, foram aplicados questionários estruturados a 33 estudantes de 17 a 20 anos de uma escola pública estadual de Ensino Médio do município. Os dados apontam que a maioria dos jovens, predominantemente de 18 anos, estuda à noite e trabalha, sobretudo no setor de serviços e na indústria calçadista local. Os jovens valorizam a escola como espaço de aprendizado, amizades e alimentação essencial, especialmente para trabalhadores do turno noturno, mas também destacam limitações estruturais e de recursos. Questões como desigualdades raciais na conclusão do Ensino Médio e diversidade de gênero foram evidenciadas, junto à alta taxa de estudantes trabalhadores, acima da média nacional. As percepções dos jovens demonstram a relevância da escola como espaço educativo e socializador, mas também como palco de desafios significativos.

Palavras-chave: Juventudes; Jovens; Percepções; Escola; Educação.

ABSTRACT: Youth, as a plural and diverse category, hold a central place in the debate on education, especially in light of social, cultural, and economic changes that challenge contemporary schools. This study investigated the relationships between young people in Igrejinha (RS) and the school they attend, exploring their perceptions of the school environment and the social dynamics within it. Using a descriptive approach and a case study design, structured questionnaires were administered to 33 students aged 17 to 20 from a public state high school in the municipality. The data show that most of the youth, predominantly 18 years old, attend night classes and work, mainly in the local service sector and shoe industry. The youth value the school as a space for learning, friendships, and essential meals, particularly for those in the evening shift who work, but they also point out structural and resource limitations. Issues such as racial inequalities in completing high school and gender diversity were highlighted, along with the high rate of working students, above the national average. The perceptions of these young people underscore the significance of the school as an educational and socializing space, while also revealing significant challenges.

Keywords: Youths; Young people; Perceptions; School; Education.

PALAVRAS INICIAIS

As juventudes, que de acordo com o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013) correspondem às pessoas entre 15 e 29 anos, são, aproximadamente, 25% da população brasileira (IBGE, 2022). Embora em tantos casos se credite uma imagem estereotipada

¹ Rafael Henke, Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, rafael.henke@ufrgs.br

² Victor Hugo Nedel Oliveira, Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, victor.nedel@ufrgs.br



da figura do jovem, o crescente número de pesquisas sobre a temática, em especial no campo da Educação (Oliveira, 2021a; 2021b), mostra o quão plural são os sujeitos distribuídos nesta faixa etária. Assim, acredita-se não se tratar de juventude, mas de juventudes: diferentes, diversas, desiguais. Dessa forma, múltiplos fatores influenciam na construção identitária das juventudes como classe, etnia, gênero, orientação sexual, territorialidade, entre outros. Portanto, estudar/pesquisar com juventudes enquanto sujeitos da educação, torna-se primordial para buscar compreender quem são os estudantes com os quais professoras e professores se relacionam diariamente.

A criação social da categoria juventude é relativamente recente, as temáticas relacionadas ao seu estudo aparecem com mais ênfase ao longo do século XX. Embora relacionada ao recorte etário a juventude é heterogênea apresentando diversidade social, econômica, cultural, étnica, entre outros aspectos que tornam impossível o enquadramento dentro de uma única juventude. Como aponta Cavalcanti (2023),

assim, ao tomar juventude como categoria de análise, adota-se o princípio de que se trata de juventudes, no plural. Não se pode falar em juventude, no singular, como uma etapa de transição para a vida adulta. algo abstrato e difuso, nem se pode ficar preso à faixa etária. Embora seja possível fazer recortes de idade, não é este o critério que prevalece. O que define as juventudes, articulando a um período etário, é a fase da vida de construção de autonomia, de processo de identificação pessoal e de grupo, de pertencimento social (p.156).

Tratar as juventudes de forma genérica e estereotipada torna inviável entender a complexidade que carregam. São múltiplas as dinâmicas e influências capazes de moldar as personalidades e responsáveis por construir as identidades destes sujeitos. O que não quer dizer que estejam em construção, inacabados, que virão a ser: são no presente, produzem suas vivências, experiências no presente, posicionam-se no presente. São sujeitos ativos com direitos estabelecidos (Oliveira, 2024a; 2024b; 2024c) e demandas primordiais tal qual acesso ao mundo do trabalho, acesso à educação e a participação na vida política do país (Cavalcanti, 2023, p.159).

A escola, por sua vez, vem passando por transformações significativas nas últimas décadas. Nunca antes o acesso à educação foi tão democratizado para toda a população como um todo. Quando estudar deixa de ser privilégio das classes médias e altas e passa a ser obrigatoriedade para todas as crianças e jovens até 17 anos, o ensino público se viu tendo que lidar com questões para as quais a simples execução do currículo não era capaz de sanar. Progressivamente o ensino básico público foi perdendo investimento, tornando-se palco de estudo da população pobre do Brasil. Em contrapartida, as escolas privadas abocanharam o público de maior poder aquisitivo com a promessa de ofertar o que as instituições públicas não mais conseguiam. A escola pública vista como espaço de educação de excelência anteriormente se vê sendo consecutivamente sucateada nas próximas décadas. O que acaba por manter o abismo que separa o aluno rico do aluno pobre visto que os estudantes de escolas particulares mantêm um nível de ensino igual ou melhor do que recebiam (Oliveira, 2020).

O Ensino Médio - fase final da educação básica obrigatória na qual a maior parte do público jovem escolarizado se encontra - era antes uma exclusividade das classes mais



abastadas. Entretanto,

o próprio sentido do ensino médio veio se transformando. Antes, significava o caminho natural para quem pretendia continuar os estudos universitários. Agora, principalmente com a sua incorporação à faixa de obrigatoriedade do ensino, tornou-se também a última etapa da escolaridade obrigatória e, para a grande maioria dos jovens, o final do percurso da escolarização. Esse contexto vem gerando o debate entre o caráter propedêutico ou profissionalizante a ser tomado por esse nível de ensino (Dayrell, 2007, p.1116).

Com a massificação do acesso à educação, as instituições de ensino se viram invadidas pelas juventudes com todas as suas expressões e experiências de vida. A separação entre a vida escolar e o restante, a lógica moderna industrial de compartimentalização da vida de acordo com o ambiente, deixa de ter eficácia. Pois se esperava que “quando o jovem adentrava naquele espaço, deixava sua realidade nos seus portões, convertendo-se em aluno, devendo interiorizar uma disciplina escolar e investir em uma aprendizagem de conhecimentos” (Dayrell, 2007, p.1119).

A escola vem enfrentando dificuldades em lidar com as novas mudanças em relação ao papel do aluno e consequente novo papel da escola (Oliveira, 2015). As juventudes que sentam nos bancos escolares precisam ser vistas, ouvidas, entendidas, necessitam ser vistas como sujeitos complexos. Por que vão à escola? O que esperam da escola? O papel cristalizado da escola/professor como único detentor de conhecimento cai por terra com todas as revoluções tecnológicas das últimas duas décadas.

Da mesma forma, a escola segue sendo o principal espaço de socialização das juventudes, mas não o único, uma vez que os novos jovens alunos são incumbidos de responsabilidades diversas e têm outros espaços de socialização. Ainda assim, as juventudes que frequentam diariamente a escola esperam algo dela. Seja socializando e desenvolvendo o sentimento de pertencimento com pares de afinidades semelhantes, seja a perspectiva de construção de projetos de vida e futuro.

Impossível não levar tais fatores em consideração quando se busca formar cidadãos críticos e conscientes de seu lugar no mundo. Por isso, entender quem é o jovem/aluno é papel fundamental e “pode contribuir para melhor relação professor/aluno, maior envolvimento dos alunos e com isso melhor resultado do ponto de vista da sua aprendizagem” (Cavalcanti, 2023, p. 162). As vivências fora dos muros escolares devem ser trazidas para dentro sala de aula, tornando-se uma forma de mostrar para o aluno a importância dos conhecimentos produzidos. A simples reprodução de conteúdos sem ligação com a realidade cotidiana, abre espaço para questionamentos válidos como “por que tenho que aprender isso?”.

A realidade é que as juventudes gostam da escola, porém, em alguns casos, gostam apesar da sala de aula. O ensino dentro da sala acaba ficando em segundo plano quando outras atividades desenvolvidas dentro dos muros escolares acabam sendo mais interessantes para tais sujeitos “O jovem gosta de estar na escola, gosta dos corredores, gosta da cantina escolar, gosta dos amigos. Mas, para estar neste espaço, do qual tanto gosta, ele acaba pagando um preço [...] a sala de aula” (Oliveira, 2020, p.67). Buscar construir experiências significativas com amparo nas vivências dos alunos pode ser um



modo de construir conhecimentos úteis fora do espaço escolar, agregando valor às horas investidas em aula. Sendo assim, “há a necessidade de um tratamento para juventude, uma pedagogia para juventude, uma forma de lidar com a juventude que nunca foi tratada” (Novaes et al., 2021, p.5). Mais do que elencar conteúdos, a escola tem papel fundamental de ensinar novas formas de pensar por meio de suas disciplinas.

No presente trabalho buscamos analisar as juventudes igrejinenses sobre um aspecto fundamental: a escola. A escola além do essencial caráter educacional, carrega importante papel socializador para estas juventudes. Neste sentido, os espaços de preferência dentro do ambiente escolar ultrapassam os limites sala de aula, mostrando a relevância das relações tecidas diariamente (Oliveira, 2015). Na medida em que tecem relações com ela e nela, os jovens produzem a escola na medida em que também são produzidos por ela.

São poucos os estudos sobre juventudes no interior do Rio Grande do Sul (Oliveira; Pimenta, 2022). Trazer estas juventudes igrejinenses à tela é contribuir para preencher tal lacuna. Desenvolvemos a pesquisa, portanto, em torno de questionar e buscar responder: qual a relação das juventudes escolarizadas de Igrejinha/RS com sua escola e como essas juventudes percebem o espaço escolar? Assim, o objetivo do estudo foi identificar as relações das juventudes igrejinenses com a escola em que estudam.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Quanto ao tipo de pesquisa, classificou-se como descritiva. Os estudos descritivos têm como objetivo descrever um grupo ou situação e procurar desvendar a relação entre eventos (Pedroso et al., 2016). Somada ao potencial de pesquisa descritiva, também é um estudo de caso ao analisar um grupo específico de jovens sujeitos. Sendo o estudo de caso considerado uma análise focalizada pretendendo “obter uma grande quantidade de informação sobre um caso específico” e estabelecer relações com pretextos teóricos (Lima; Moreira, 2015, p. 46). Por meio da vinculação de tais técnicas de pesquisa buscamos estabelecer as relações definidas no objetivo principal da pesquisa, além de tornarem possível visualizarmos de forma parcial quem são os jovens igrejinenses escolarizados.

A pesquisa foi realizada em uma das duas escolas da rede pública estadual que oferecem Ensino Médio em Igrejinha. A escola fica no bairro Viaduto, próxima ao centro da cidade, cerca de 1km. A escola recebe jovens de vários bairros do município, havendo transporte público oferecido pela prefeitura. Igrejinha é um pequeno município localizado na região Metropolitana de Porto Alegre próximo à Serra Gaúcha, tendo sua economia historicamente construída pela indústria calçadista, se desenvolvido em ritmo acelerado nas décadas de 1970/1980, recebendo assim grande fluxo migratório devido às ofertas de trabalho. De acordo com o Censo de 2022 (IBGE, 2022), tem uma população de 32.808 pessoas com uma área territorial de 138,3km².

Os sujeitos definidos para a pesquisa foram os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio da escola parceira. A faixa de idade dos participantes variou entre 17 e 20 anos. Todos os alunos dos terceiros anos da escola foram convidados a participar em ambos os turnos oferecidos pela instituição (manhã e noite). O número total de alunos somados



seria em torno de 150 alunos, tendo participado 33 jovens, o que resulta em uma relação de 22% do universo amostral.

O procedimento utilizado para a produção de dados foi a aplicação de um questionário, que, segundo Gil (1999), pode ser definido como a técnica de investigação que consiste em apresentar um conjunto de perguntas, geralmente por escrito, às pessoas, com o objetivo de entender suas opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, experiências, entre outros aspectos. Entre as vantagens da técnica, o questionário permite atingir um maior número de respostas e garante o anonimato dos respondentes com relativo baixo custo de aplicação. Os dados gerados possibilitam ao pesquisador tecer análises e posteriores relações com foco no seu objetivo. Entretanto, são necessários cuidados para a elaboração de tal ferramenta investigativa. Inicialmente é preciso reiterar a importância da participação do voluntário, expor as vantagens e como é relevante sua participação no estudo (Chagas, 2000, p.4).

A estrutura do questionário iniciou-se com uma breve introdução apresentando o estudo e incentivando a participação, seguida da caracterização da amostra. Na sequência, os jovens participantes responderam ao eixo “Os jovens e a escola”. O questionário também foi composto pelos eixos “Quem são os jovens igrejinhenses?” e “Os jovens e a cidade”, cujos resultados e debates são apresentados em outros textos.

Os dados foram processados apoiados na “Análise de Conteúdo”, descritos por Bardin (1977, p. 32) como um “leque de apetrechos” que podem ser utilizados para analisar significados, mas também significantes nas mais diversas formas de comunicação. Segundo a autora, a análise de conteúdo conta com três pressupostos principais: pré-análise, exploração do material e por fim o tratamento dos resultados obtidos e suas interpretações. Assim, elencamos uma categoria a priori central para análise de dados, baseados em Oliveira (2015): “A escola dos jovens”: a escola sobre a ótica dos alunos juvenis. De que forma enxergam sua escola? O que gostam e desgostam? Entender o papel da escola para estes sujeitos.

O presente trabalho seguiu os preceitos apresentados na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), referência nos cuidados éticos necessários para realização de pesquisas nas ciências sociais. Dessa forma, a instituição parceira na qual os questionários foram aplicados assinou o Termo de Anuência e não foi identificada. Assim como, os alunos participantes terão suas identidades resguardadas. Somente puderam participar da pesquisa os estudantes menores de idade que apresentaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis, além dos próprios terem assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. No caso dos alunos maiores de idade, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

Caracterização dos jovens participantes

A ampla maioria dos jovens participantes da pesquisa (75,8%; n = 25) possuía 18 anos. Houve menor participação de alunos menores de idade (9%; n = 3). Ademais, a



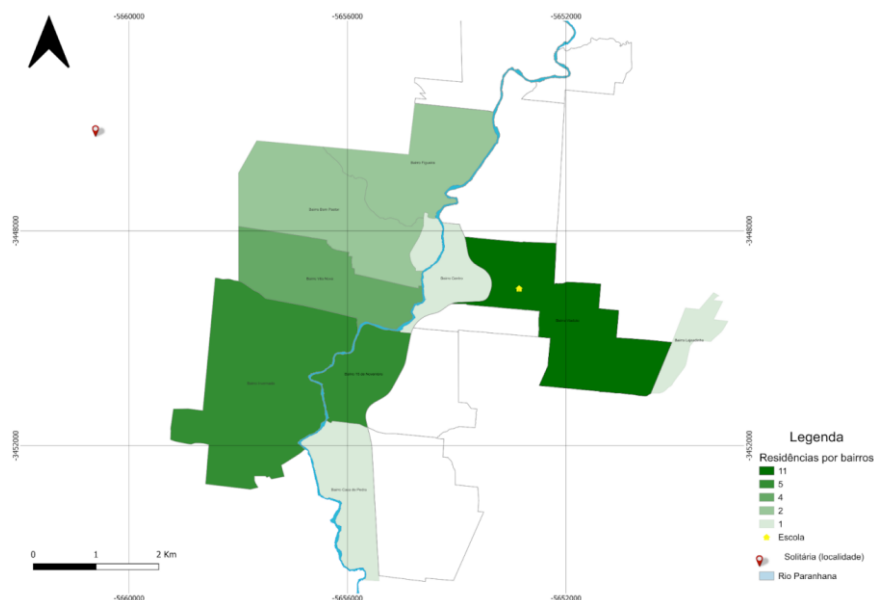
maioria dos participantes estudava no período noturno, os mesmos se mostraram mais mobilizados em participar do estudo.

A maioria de participantes do gênero masculino (54,5%; $n = 18$), seguido pelo gênero feminino (39,4%). Assim como, apareceram em menor número (3%; $n = 1$) o gênero fluido e bigênero. A simples categorização binária entre homem e mulher, masculino e feminino - encarada como normal social - não é capaz de contemplar a pluralidade de possibilidades quanto a forma que cada sujeito identifica a si mesmo. Existem múltiplas maneiras de se existir descondicionadas do órgão genital, gênero de nascimento. Exemplo disto são os jovens respondentes que se identificaram como de gênero fluido e bigênero, saindo da caixa pré-estabelecida composta por masculino e feminino. Sendo uma clara minoria, surge a reflexão de porque mais jovens não-binários, transgêneros e outras diversidade de gêneros não estão presentes em maior quantidade dentro da escola. Panorama esse que está longe de ser exclusividade da escola/turmas pesquisadas.

Há uma predominância de participantes brancos (69,7%; $n = 23$), seguidos por pardos (24,2%; $n = 8$) e negros (6,1%; $n = 2$). Nota-se clara diferença numérica entre brancos e negros. Segundo o último Censo (IBGE, 2022), a população negra do país soma a maioria do total populacional, cerca de 55%. Sendo assim, vale questionar por que jovens pretos e pardos da pesquisa estão em tão menor número no último ano do Ensino Médio sendo que são maioria da população brasileira? Estão em menor número no fim da educação básica como um todo? Quais os processos que fazem com que isso aconteça? Jesus (2018) através de sua pesquisa com jovens em São Paulo deixa claro que a evasão escolar de jovens negros vai muito além de desigualdades econômicas, adentrando questões que envolvem atitudes racistas e estereótipos dentro da escola. As quais, por sua vez, nem sempre sabem lidar com ou fecham os olhos para tais situações. O que torna-se deveras problemático na medida em que a educação deveria ser uma frente de luta e conscientização contra o racismo.

Os participantes foram questionados sobre o bairro de residência e o mapa a seguir estabelece relações de bairros com maior número de residências dos alunos, pontuando a localização da escola.

Figura 1. Distribuição por bairros das residências dos participantes

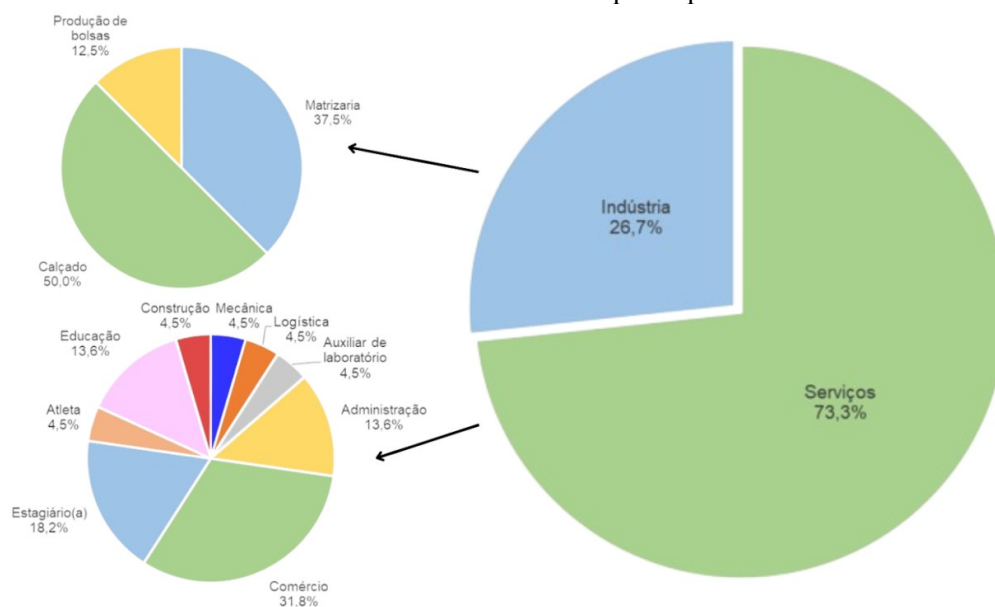


Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Ao analisarmos o mapa, nota-se uma concentração dos jovens no bairro Viaduto (33,3%; $n = 11$), onde se localiza a escola. Na sequência há dissipação do restante na área central e parte oeste da cidade. Interessante apontar que a outra escola de ensino médio do município fica no bairro Centro, mais próxima destes bairros, o que permite levantar questões sobre o que levou a escolha por esta escola. Outro ponto que chama atenção é a presença de alunos que moram afastados da cidade, com destaque para a localidade de Solitária (3%; $n = 1$) e um loteamento chamado Sanga Funda (6,1%; $n = 2$), na parte sudoeste do bairro Invernada, praticamente no limite com Parobé, município vizinho. A prefeitura municipal oferece transporte para os estudantes irem e voltarem até a escola.

Entre os alunos, apenas 3 (9%) não trabalhavam. O restante dos jovens exerciam atividades em variadas áreas nos turnos inversos da escola. Gráficos da Figura 2 apresentam a divisão dos trabalhos coletados nos questionários.

Figura 2. Setores da economia referentes aos trabalhos dos participantes





Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Embora historicamente o município de Igrejinha tenha se desenvolvido baseado na indústria calçadista, os respondentes estão empregados majoritariamente na área de serviços (73,3%; $n = 22$). Neste recorte, há enfoque para o comércio (31,8%; $n = 7$), estagiários (18,2%; $n = 4$) e setor administrativo (13,6%; $n = 3$). Por outro lado, obtivemos respostas inesperadas como atleta (4,5%; $n = 1$). Ao observarmos os alunos empregados na área industrial (26,7%; $n = 8$), ainda temos um número significativo de jovens empregados em indústrias calçadistas (60%; $n = 4$), seguidos por trabalhos em matrizerias, que são oficinas especializadas na fabricação e reparação de matrizes, moldes, gabaritos e ferramentas para estamparia (37,5%; $n = 3$).

O número alto entre os participantes que trabalham e estudam (91%; $n = 30$) é muito superior aos 11,6% de jovens que estudam e trabalham no Brasil (Brasil, 2019). É difícil estabelecer os motivos de uma taxa tão elevada, além da pesquisa não ter o intuito de estabelecer fins estatísticos formais. Um ponto importante é que a maioria dos pesquisados pertencem ao turno noturno e, geralmente, escolhem este turno com a intenção de trabalhar durante todo o dia, possibilitando rendimentos maiores. Em consonância, uma porcentagem tão alta de estudantes trabalhadores vai à contramão do imaginário estigmatizado do jovem como alguém despreocupado, desinteressado.

Mesmo sem ter sido citado diretamente, o empreendedorismo representado majoritariamente por funções autônomas, é cada vez mais difundido e pode permear o jeito profissional de ser também em funções de subordinação dentro de empresas. Nesse sentido, ser empreendedor é representado por uma série de atitudes valorosas no mundo do trabalho que vão possibilitar galgar melhores posições e melhora na condição de vida, na qual o sucesso depende exclusivamente do sujeito (Tomassi; Corrochano, 2020, p.361). O que é problemático ao pressionar estes jovens pela responsabilidade pelos resultados obtidos, sendo que seus esforços são apenas uma parte do todo.

Jovens e Escola

Os jovens participantes responderam a seguinte indagação: “Quais as 3 primeiras palavras que vêm a sua mente quando pensa em sua escola?”. As respostas estão distribuídas na figura que se segue.

Figura 3. Nuvem de palavras, percepções sobre a escola.



De início é possível perceber a presença de palavras vinculadas ao sentido educativo da escola, tais quais “aprender”, “estudo(s)”, “prova”, “responsabilidades”. Por outro lado, aparece o caráter socializador do espaço escolar: “amigos”, “amizade”, “colegas”. Reis (2012) em sua pesquisa aponta algo semelhante a respeito dos variados papéis que a escola ocupa na vida das juventudes escolarizadas, que aqui também se fazem valer.

A escola acaba por ser local de encontros, de relacionamentos entre pares. Outras palavras indicam a importância da alimentação escolar para estes jovens, como merenda e lanche. Quando ponderamos que a grande maioria dos participantes trabalhava e era do turno noturno, é razoável imaginarmos que a merenda/janta oferecida na escola é bem-vinda após o cansaço do dia trabalhado somado a correria para chegar à escola em tempo. Mas do que isso, a merenda escolar é uma refeição garantida que em alguns casos pode ser a única feita no dia pelos estudantes. Assim,

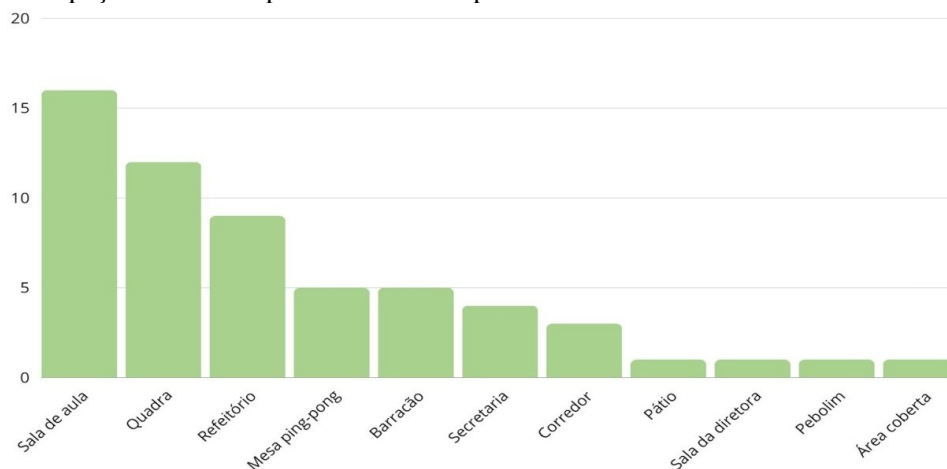
A refeição oferecida neste caso pelo governo federal através do PNAE tem papel fundamental ao contribuir para o melhor aprendizado desses jovens na escola, visto que



a falta de alimentação ou uma alimentação insuficiente pode deixar os alunos mais sonolentos, desatentos ou até mesmo muito agitados (Amorim, 2018).

Na sequência, os jovens foram perguntados sobre os espaços da escola que mais frequentavam.

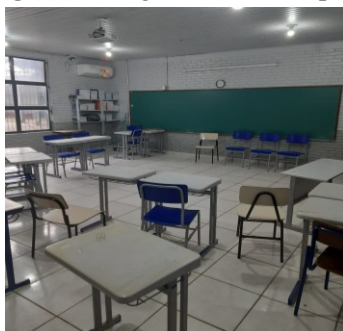
Figura 4. Espaços da escola que você mais frequenta.



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Quando questionados sobre os espaços de preferência dentro da escola, a sala de aula (36,2%; n = 16), quadra (20,7%; n = 12) e refeitório (15,5%; n = 9) foram os espaços que mais apareceram. Três elementos que podem indiciar papéis que a escola representa nas vidas destes jovens.

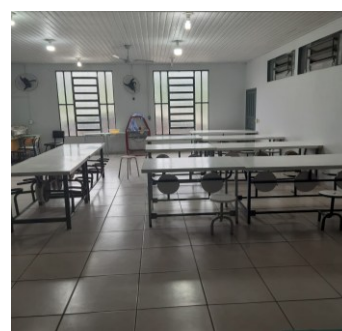
Figura 5. Registros dos 3 espaços da escola mais frequentados.



A sala de Aula



A Quadra



O refeitório

Fonte: autores (2023).

A sala de aula, como o local onde os jovens passam a maior parte do tempo na escola. O espaço central no imaginário escolar, afinal “os alunos vão à escola para estudar”. Cabe aqui mostrar o quão significativa é essa preferência por este espaço. Contrastando com os estudos de Oliveira (2015), às juventudes aqui pesquisadas responderam que gostam de estar em sala de aula, um dos espaços preferidos dentro do contexto escolar.

Em relação à quadra, podemos elencar aqui o claro caráter esportivo e, provavelmente, o principal motivo para ter sido elencado como um dos principais espaços de preferência. Durante o recreio, os jovens (maioria de meninos) organizam partidas de



futsal que duram todo o período de intervalo. Sendo também o palco principal das aulas de educação física. De acordo com Silva (2014),

o esporte, de maneira geral, pode ser considerado como um fato social por ser construído socialmente, influenciando costumes e hábitos presentes no cotidiano do indivíduo, mesmo que esteja fora de sua própria consciência. Este fato social, o esporte, também pode ser visto como um importante aliado no aspecto socializador de uma comunidade, influenciando, assim, nos processos de socialização que são determinantes para a realidade do indivíduo e da sociedade (p.22).

Assim, a menção a quadra como espaço esportivo engloba o efeito socializador de tal prática. Seja para os jovens que jogam, ou para os que assistem enquanto conversam e torcem nas arquibancadas. Por outro lado, a quadra se localiza aos fundos da escola, rodeada pelos muros limítrofes. Espaço mais distante da direção e que permite que os alunos passem tempo ou “matem aula” com marcação mais branda do corpo diretivo e professores.

O refeitório é o espaço destinado ao consumo da merenda escolar durante o intervalo. Sendo assim, são duas as possibilidades, complementares, de escolha por este espaço: o fato de oferecer alimentação em si, e o tempo que os alunos permanecem enquanto comem geralmente em pequenos grupos, gerando momentos de interação com mais liberdade e mais descontraída em comparação com a sala de aula.

Na continuidade os jovens foram perguntados sobre o que a escola/educação representa em suas vidas. A nuvem de palavras na sequência expõe as que tiveram maior incidência.

Figura 6. O que a escola/educação representa em sua vida?



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

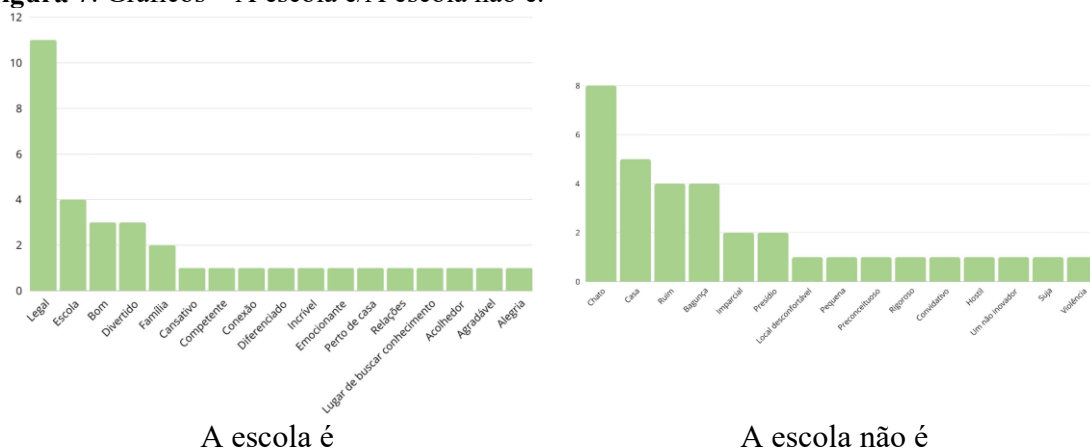
Palavras como “futuro”, “vida”, “importante”, “aprender”, “fundamental”, apontam a importância da escola na trajetória destes sujeitos. Vêm a potencialidade da escola de municiá-los com os atributos e ferramentas necessários para seguir seus projetos de vida. Esse papel decisivo da educação pode ser a causa dos resultados da próxima pergunta, que foi se as/os jovens gostavam de estudar na escola em que estudavam, na qual a maioria esmagadora de respostas positivas (96,9%; n = 31) levam a crer que os alunos têm uma relação de afinidade com a escola. Essas respostas combinam diversos fatores que envolvem o acolhimento, bons profissionais (professores e funcionários), relações de amizade e até de história familiar - “Sim, pois meus pais estudaram aqui”. O que não é incomum. Sendo uma das duas escolas a oferecerem Ensino Médio no



município, diferentes gerações acabam por estudar na mesma escola, encontrando pelo percurso até os mesmos professores, em alguns casos. Fica claro que ao dizer que gostam de estudar, não quer dizer que acham a escola perfeita.

A próxima sequência de gráficos busca explorar mais os fatores de atração e repulsão sobre a escola baseado nas suas experiências. Para isso, utilizamos como base a sequência de antíteses *é/não é*, *tem/não tem*, desenvolvida por Oliveira (2015) que busca “perceber a visão desse aluno em relação às qualidades e possíveis dificuldades da escola” (Oliveira, 2015, p.105).

Figura 7. Gráficos – A escola é/A escola não é.

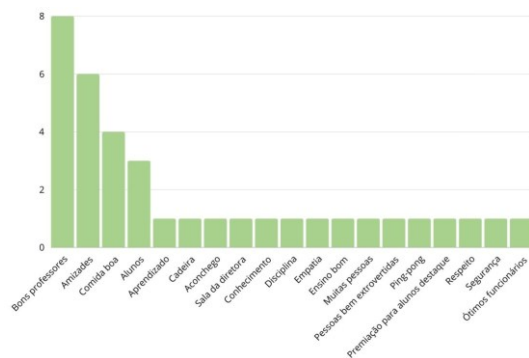


Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

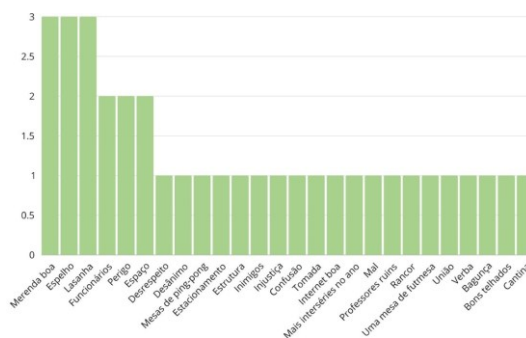
Ao analisarmos o primeiro conjunto composto por a escola é/a escola não é, vemos muitas colocações positivas sobre a mesma. Pois, na visão dos respondentes a escola é “legal”, “boa”, “divertida”. Ao mesmo tempo em que não é “chata”, “ruim”, “bagunça”. Fica claro que os alunos respondentes gostam da escola em que estudam. Trazem fatores que são importantes para eles(as), tais quais a escola não ser “suja”, “hostil” ou “violenta”, o que certamente nenhuma escola deveria ser. Outra afirmação que chama atenção e ganha destaque é a escola ser “família”. Como a escola pode ter tamanha relevância para ser família na visão destes jovens? E qual a visão de família que eles carregam? Talvez palavras que vêm na sequência possam induzir uma resposta ao destacarem a escola como um lugar “acolhedor”, “agradável” e que não é “preconceituoso”.

Embora os aspectos negativos sejam bastante reduzidos, é preciso trazê-las porque não são menos significativas para nossa análise. Como, por exemplo, a colocação de que a escola não é “convidativa”. Quais as experiências que este aluno vivenciou que o trazem esta percepção? Envolvem questões físicas, estruturais? Ou foram acontecimentos envolvendo relacionamentos sociais que acontecem dentro da escola? Reflexões parecidas podem ser tecidas para a resposta de que a escola não é “imparcial”. Por outro lado, aparece também a questão da escola ser “cansativa”. O que a torna cansativa, as aulas? Quantia de tempo dentro do ambiente escolar? Pensando na quantidade de alunos que disseram trabalhar nos turnos inversos, é possível que o cansaço citado não seja somente pelo tempo estudando, mas por conta do cansaço somado ao fato de possuírem rotinas duplas ou triplas.

Figura 8. Gráficos – A escola tem/A escola não tem.



A escola tem



A escola não tem

Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Novamente são citados aspectos positivos da escola, como ter “bons professores”, “amizades”, “comida boa”, “aprendizado”, “segurança”. Porém, diferente das respostas obtidas na antítese *é/não é*, no gráfico “a escola não tem”, em específico, encontra-se um teor de denúncia apontando o que poderia ser melhor/melhorado. O que varia desde qualidade da merenda (não tem “merenda boa”, “lasanha”, “cantina”) a qualidade da internet e questões de estrutura (não tem “bons telhados”). Vale ressaltar duas respostas que podem justificar as queixas anteriores, além de mostrar o quão ciente são os alunos em relação à realidade da escola em que estudam: a escola não tem “verba” e “funcionários”.

Uma resposta que se destacou pela repetição foi a falta de “espelho” na escola, este destaque mostra a importância da aparência para estes jovens pesquisados, de verem a si mesmos frequentemente e estarem preocupados com sua imagem. Assim como a menção a presença de uma “mesa de ping-pong” e ausência de uma “*futmesa*”, objetos não relacionados ao ensino em si, mas que são importantes para os alunos nos momentos de lazer entre as aulas. Conforme visto ao longo deste eixo, é possível afirmar que, diferentemente do que crê o senso comum, as juventudes não são apáticas, desligadas do que acontece aos seus arredores, pelo contrário, percebem os espaços pelos quais transitam, são conscientes e geram opinião sobre eles, como é o caso da própria escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tomou por conta a complexidade das juventudes de Igrejinha/RS, buscando compreender suas relações com a escola e como essas juventudes percebem o espaço escolar. Ao longo do estudo, ficou claro que a escola, embora possua seu caráter essencialmente educacional, desempenha também um papel socializador fundamental para os jovens, que tecem relações significativas além da sala de aula. As experiências cotidianas, as interações com colegas e as vivências fora do ambiente escolar se entrelaçam com o aprendizado formal, mostrando que a escola é um cenário de construção de identidade, pertencimento e projetos de vida. Essa dinâmica revela a necessidade de repensar as práticas pedagógicas e a maneira como se concebe a juventude, desafiando os modelos tradicionais e propondo novas formas de diálogo e integração entre os saberes acadêmicos e as vivências juvenis.

Para chegar aos objetivos propostos, foi essencial a utilização de uma abordagem metodológica que combinasse a pesquisa descritiva com o estudo de caso, permitindo uma análise em maior profundidade desses jovens escolarizados de Igrejinha. A aplicação



de um questionário estruturado possibilitou a coleta de dados diretamente dos sujeitos, oferecendo um panorama sobre a percepção desses jovens acerca de sua escola e da cidade em que vivem.

Quem foram os jovens da investigação? A pesquisa revelou que os participantes eram, em sua maioria, jovens de 18 anos, predominantemente do gênero masculino, e com uma significativa presença de estudantes brancos. No entanto, as categorias de gênero e raça evidenciaram questões de representatividade e exclusão, como a escassez de jovens negros e de pessoas não-binárias, o que levanta reflexões sobre os processos que permeiam a permanência e a evasão escolar, especialmente no contexto da educação básica. Além disso, a investigação destacou um perfil de jovens majoritariamente trabalhadores, com uma alta taxa de estudantes que conciliam trabalho e estudo, desafiando estigmas sociais sobre a juventude. A predominância de empregos no setor de serviços e na indústria calçadista de Igrejinha também trouxe à tona a relação entre a formação escolar e o mercado de trabalho local, revelando as expectativas e desafios enfrentados por esses jovens no processo de construção de seu futuro.

As percepções desses jovens sobre a escola revelam uma complexa interação entre aspectos educativos, sociais e estruturais desse espaço, refletindo tanto a importância da escola na trajetória de vida dos estudantes quanto as limitações enfrentadas no cotidiano escolar. Ao mesmo tempo em que a escola é reconhecida como um ambiente essencial para o aprendizado e a formação de vínculos sociais, ela também é vista como um lugar onde persistem desafios significativos, como a qualidade da infraestrutura, da alimentação e o cansaço gerado pelas rotinas duplas ou triplas dos estudantes. As respostas indicam que, embora a maioria dos jovens demonstre afinidade com a escola, a relação com esse espaço está longe de ser ideal, evidenciando a necessidade de melhorias tanto na estrutura física quanto nas condições oferecidas para o aprendizado e bem-estar dos estudantes.

Por fim, a pesquisa revelou as complexidades das vivências juvenis em Igrejinha, mostrando que a escola, embora central para o desenvolvimento dos jovens, não é o único espaço de construção de identidade e de pertencimento. A relação dos jovens com a escola, com suas limitações e potencialidades, é uma verdadeira travessia, na qual desafios pessoais e coletivos se entrelaçam, formando uma trajetória única para cada um deles. A falta de recursos e de suporte adequados não deve apagar a força e a determinação desses jovens em buscar seus caminhos, superando dificuldades e fazendo da escola um espaço de possibilidades. Que as análises da presente investigação, possam ser um passo para repensar as práticas educacionais e construir, de fato, uma escola mais inclusiva, acolhedora e capaz de refletir os sonhos e as realidades de todos os jovens. Afinal, ao olhar para essas juventudes, é possível vislumbrar para além das barreiras, mas também olhar para as forças que, com o devido apoio, podem transformar os espaços escolares em alavancas para um futuro mais justo e promissor para todos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Poliane Silva. **A relevância da merenda escolar na aprendizagem dos educandos**. 2018. 50 f. Monografia de Especialização - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira. Disponível em:



<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/22086/1/relevanciamerendaescolaraprendizagem.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. 229 p. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa_edicoes_70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, 5 ago. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 30 dez. 2024.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8ff41004968ad36306430c82eece3173.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Juventudes, ensino de geografia e formação/atuação cidadãs. **Geografias das Juventudes**, Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p.155-180. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/256855>. Acesso em: 30 dez. 2024.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. **Administração on line**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questionarion_a_pesquisacientifica.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 dez. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE. **Censo Demográfico de 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.34, e167901, Belo Horizonte, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698167901>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/rzs7bGtj4LKQSCkqz8rMdvD/#>. Acesso em: 30 dez. 2024.



LADEIRA, Francisco Fernandes. Impactos das tics no trabalho do professor de geografia e na construção do conhecimento geográfico pelo aluno. **Anais do XIV ENANPEGE**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77686>. Acesso em: 30 dez. 2024.

LIMA, Maria do Socorro Berra; MOREIRA, Érika Vanessa. A pesquisa qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v.2, n.37, p. 27-55, ago./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708>. Acesso em: 30 dez. 2024.

NOVAES, Regina Célia Reyes et al. Juventudes, educação, política e violência: uma entrevista com Regina Novaes. **Educar em Revista**, v. 37, e71209, ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.71209>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602021000100502&script=sci_arttext. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta das juventudes**. Mestrado em Geografia – UFRGS. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128887>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Jovens olhares sobre a cidade: lugares e territórios urbanos de estudantes porto-alegrenses**. Tese de Doutorado – PUCRS. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16611/1/000498041-Texto%2Bcompleto-0.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Estado da arte de publicações sobre juventudes e educação em revistas A2 de universidades federais brasileiras. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 28, n.4, p. 317-342, out./dez. 2021a. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v28n4.202168>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/16151>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de universidades federais brasileiras (2010 – 2019). **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 358–372, 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2279>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Explorando propuestas para la IV Conferencia Nacional de la Juventud: el derecho a la comunicación y libertad de expresión. **Última Década**, [S. l.], v. 32, n. 62, p. 10–36, 2024a. Disponível em: <https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/UD/article/view/74922>. Acesso em: 30 dic. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Do direito ao território e à mobilidade: análise das propostas enviadas à IV Conferência Nacional de Juventude. **Geoingá**, v. 16, n. 1, 2024b. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/70880>. Acesso em: 30 dez. 2024.



OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Propostas para a IV Conferência Nacional de Juventude: Direito ao Desporto e Lazer. **Revista FSA**, Teresina, v. 21, n. 4, 2024c. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2903>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira; PIMENTA, Melissa de Mattos. “Falem bem, falem mal, falem de nós”: o que vem se falando sobre as juventudes do estado do Rio Grande do Sul (Brasil) na pós-graduação (2000-2020)? OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel et al. **Juventudes ibero-americanas: dilemas contemporâneos**. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2022, p.24-41. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/12142>. Acesso em: 30 dez. 2024.

PEDROSO, Júlia de Souza et al. Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva. **Revista JICEX**, v. 9, n. 9, 2017. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/2604>. Acesso em: 30 dez. 2024.

REIS, Rosemeire. Juventudes no ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos planos de futuro. **Latitudes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 131-155, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/858>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SILVA, Tales Rodolfo Ferreira Da. **Prática esportiva e socialização: um estudo sobre os processos de socialização a partir do futsal feminino no município de Sumé-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Campina Grande. Súme, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/5766/TALES%20RODOLFO%20FERREIRA%20DA%20SILVA%20-%20TCC%20CI%208aNCIAS%20SOCIAIS%20CDSA%202014..pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 30 dez. 2024.

TOMMASI, Livia de; CORROCHANO; Maria Carla. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 353-71, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7gJR8dVYp3WdpCy8hPnNMdF/>. Acesso em: 30 dez. 2024.